

SOBRE O FILÓSOFO LICHTENBERG*

Günther Patzig**

“Espirituosos aforismos filosóficos sobre todos os objetos possíveis” é o que atribui a Lichtenberg o “Überweg-Heinze”, ainda hoje o manual-padrão de história da filosofia, no terceiro de seus cinco volumes, em uma nota de quatro linhas, que assim desmente, com precisão, a observação do conceituado biógrafo de Lichtenberg, F. H. Mautner, de que o nome de Lichtenberg “não aparece em nenhuma história alemã da filosofia”.¹

Como solução para um embaraço, a formulação do “Überweg-Heinze” não é ruim, de maneira alguma; pelo menos, não é falsa e compartilha com muito do que foi escrito sobre Lichtenberg, ao permanecer na superfície. Ela corresponde à imagem simplificada de Lichtenberg como o tagarela engraçado, o espirituoso criador

* Georg Christoph Lichtenberg, físico, escritor e filósofo alemão, nasceu em Ober-Ramstadt (1742) e morreu em Göttingen (1799), em cuja universidade estudou e trabalhou grande parte de sua vida. Ficou conhecido sobretudo por meio de seus aforismos, apreciados por Kant, Nietzsche, Tolstói, Freud, Schopenhauer, Einstein, Karl Kraus, Tucholsky e Canetti, dentre outros. Sua obra, composta, ademais, de fragmentos e esboços, só em 1901 teve sua primeira edição completa publicada. Autores da nova geração da Teoria Crítica reencontraram nele um precursor do combate a pseudo-científicas teorias racistas.

** Günther Patzig (1926) estudou filosofia e filologia clássica em Göttingen e Hamburgo. Professor em Göttingen desde 1963, nas áreas de filosofia antiga, ética, lógica e ética médica. Neste conciso ensaio, que, segundo os editores de Text+Kritik, está entre os melhores sobre a filosofia de Lichtenberg, desloca a ênfase do ceticismo para a atitude anti-sistemática.

¹ F. H. Mautner. “Lichtenberg”. Berlim, 1968, p. 37.

de jogos de palavras, o cronista bem-humorado das fraquezas humanas (inclusive suas próprias). A literatura mais recente sobre Lichtenberg não afastou essa imagem; mas, completou-a e aprofundou-a: no pano de fundo de textos recém-publicados, sobretudo de notas em diários, vemos claramente que os gracejos de Lichtenberg não eram meras intuições, mas antes obtidos freqüentemente como frutos da “soberania da alma” (Mautner), de uma vida fundada na doença e na hipocondria, nas depressões, na inquietude angustiada e na percepção clara de ser preterido na sociedade. Isso confere profundidade a suas observações e gracejos, e Goethe deve ter sentido isso, quando cunhou a frase: onde Lichtenberg faz uma brincadeira, ali há um problema dissimulado. À época, Goethe dominara seu profundo aborrecimento diante da omissão silenciosa de Lichtenberg, em seu manual de física, quanto à Teoria das Cores, cria predileta de Goethe. Essa desavença atenua de certa forma a desumana declaração de Goethe, feita anteriormente: Lichtenberg teria se tornado um satírico, por causa de sua “infeliz constituição corporal” (ou seja, sua corcunda), porque “alegrava-o ter ainda algo abaixo de si para olhar”.

Gracejo e problema dissimulado, serenidade no fundo de timidez depressiva – explicações simples são perigosas no caso de Lichtenberg; as coisas não lhe despontam tranqüilas. Tampouco compreendemos bem seu filosofar, com o peso devido, se virmos nele apenas as idéias de uma cabeça dotada de talentos específicos – para metáforas acertadas, comparações cerradas e analogias convincentes – à qual teria faltado apenas força e perseverança para formar, a partir de suas idéias engenhosas, uma teoria, um todo. Os aforismos para filosofia, que Lichtenberg registrou em seus “Sudelbücher” já foram sempre chamados de estimulantes, originais, sagazes e profundos. Mas sempre ressoa um laivo de lamento de que esse talento natural para a filosofia não tenha realizado uma obra ininterrupta. Aliás, o próprio Lichtenberg viu sua obra dessa maneira e nos seus anos mais avançados queixou-se de não ter alcançado seus objetivos, de ter dispersado suas forças e esperado o impossível, sem agarrar o possível com energia suficiente. “Eu percorri o caminho rumo à ciência, como cães que

vão passear com seu dono, cem vezes o mesmo para um lado e cem vezes de volta, e quando cheguei, estava cansado”.²

Portanto, opção pela forma pequena, pelo aforismo para sentenças filosóficas, por falta de força para organizar o material, para conseguir um sistema fechado a partir de observações particulares? Ao leitor atento dos escritos de Lichtenberg querem as coisas se apresentar bem diferentes. Não se dão ali meras cadeias multicoloridas de idéias frouxamente interligadas; sempre de novo encontram-se os questionamentos penetrantes, a retomada de um tema pelo outro lado, o emprego de argumentos em vai-e-vem. E em todas as observações filosóficas, espalhadas pelos *Sudelbücher**, concernentes à natureza do homem, sua capacidade de conhecer, seus hábitos de linguagem, sua moral, sua relação com Deus põem em relevo pensamentos fundamentais não pronunciados, para os quais convergem, todavia, as observações particulares. Como, se a falta mesma de sistema nos aforismos filosóficos de Lichtenberg era um sistema? Se ele preferia permanecer ao lado das “verdades de um centavo”, porque os centavos são mais raramente falsificados do que as moedas grandes? Parece que é como se Lichtenberg tivesse confiado mais em suas intuições da situação humana – saciadas de materiais colhidos da vida, diretamente embebidas de realidade – do que em todos os axiomas gerais, que se deixavam formar por extrapolação a partir da experiência concreta. Se isso estiver certo, então Lichtenberg era, não uma cabeça *assistemática*, mas sim *anti-sistemática*. Intuições e observações pareciam-lhe mais prenhes de verdade que visões de mundo. Sem dúvida, ele fala também de “sistemas de pensamentos”, mas isso não significa para ele uma seqüência exaustiva de proposições formulada em um livro, mas

² G. Chr. Lichtenberg. “Schriften und Briefe” [Escritos e cartas], editado por W. Promies, Munique, 1968, tomo I, p. 726.

* NT: Lichtenberg, para caracterizar suas coletâneas de observações e reflexões, emprega este termo da contabilidade tradicional, inclusive em inglês, *Wastebooks*, que são livros para lançamentos do movimento comercial do dia, um rascunho geral diário, de onde os itens serão selecionados e transferidos para o livro razão.

antes o trançado das expectativas, que sempre se formam para o particular a partir da soma de suas experiências, e que até determinam senão o objeto da reflexão, como toda reflexão e vivência, seu fundamento radical. Lichtenberg viu claramente o perigo que jaz em toda tentativa de desenvolver e fixar por escrito uma teoria abrangente da realidade. Os homens tendem já a considerar verdadeiro um sistema filosófico somente porque o compreenderam. O livro sobre a realidade marcha diante do mundo e o oculta. Lichtenberg faz essa observação em consideração aos kantianos,³ embora, ao final de sua vida, já tivesse se apropriado há muito dos axiomas básicos da filosofia kantiana. Ele não era, porém, nenhum kantiano no sentido do sistema, por mais que admirasse Kant. A alta estima era recíproca: Kant chamou o Conselheiro Lichtenberg um homem “que por meio de sua mente clara, de sua maneira direta de pensar e de seu humor insuperável, talvez pudesse melhor atuar contra o mal de uma triste religião obrigatória, do que outros com suas demonstrações”⁴ – isso foi em 1794, época em que Kant com suas “demonstrações”, no livro *A religião dentro dos limites da simples razão*, tinha irritado a ortodoxia e conseguira sentir a ira da autoridade, sob a forma de um malevolente rescrito* do rei prussiano Frederico Guilherme II.

Todavia, até mesmo a arquitetônica de Kant parecia suspeita a Lichtenberg; ele entendia que o grande sucesso da primeira crítica estimulara Kant a “ir longe demais”, provavelmente longe demais em direção à sistematização positiva das idéias críticas fundamentais. É altamente característico que ele tenha encontrado no *Prólogo* (da segunda edição) da *Crítica da razão pura* tanto daquilo que com freqüência “já tinha muitas vezes pensado, mas não tinha dito.”⁵ Com isso, explica ele, a seu modo, a opinião de

³ Ibidem, p. 722ss (n. 472 e 475).

⁴ Carta a C. f. Stäudlin, de 4 de dezembro de 1794, em “Kants Briefe” [Cartas de Kant], editadas por J. Zehbe, Göttingen, 1970, p. 235.

* NT: Resolução do rei, comunicada por escrito.

⁵ Edição Promies, tomo I, p. 737.

Kant, centrando o elemento transcendental no subjetivismo: “onde nós apenas vemos, então vemos só nós mesmos.”

Encontramos as melhores oportunidades para a verdade, não onde queremos expressar axiomas gerais, mas no lugar em que a experiência nos instrui diretamente. Não se pode contradizer o *common sense* e nem tampouco deixar que ele já valha como filosofia. A urdidura da realidade se mostra a nós o mais claramente, embora gradualmente, em instantes de visões intuitivas, por ocasião da experiência concreta. A verdade *se mostra* ou aparece; como Heráclito, muito antes dele, e Wittgenstein, depois, Lichtenberg está convencido de que o que se mostra não pode ser *dito* – mesmo que em contrapartida não nos sobre nada para a mediação de nossas intuições a outras, senão ousar o sempre questionável empreendimento de dissolver com o auxílio da linguagem os hábitos de pensamento arraigados pelo uso da linguagem.

O olhar livre de preconceitos e incorruptível, com o qual Lichtenberg atenta para os homens e suas motivações, a desenvoltura e a liberdade, com que ele fala sobre o contexto da *physis* e da *psique* e até das situações sexuais de base age sobre nós de maneira “moderna”, situam Lichtenberg ao lado de Nietzsche e de Sigmund Freud; ambos prestaram, pois, também a Lichtenberg suas reverências nesse sentido. Mas essa perspicácia psicológica do olhar e a desenvoltura contra os tabus da decência não são de fato exatamente o habitual à época, embora ocorram também em outros lugares – basta pensar nos moralistas franceses. O que efetivamente destaca Lichtenberg em sua época é, todavia, sua crítica da linguagem. Se em Kant, o destruidor de tantos hábitos de pensamento transmitidos, chama-nos a atenção sua disposição para se fiar sem reservas nas formas lingüísticas de nossos juízos e sistemas conceituais, então encontramos nesse ponto Lichtenberg altamente sensível – na cautela afiada pela experiência, através de sua maestria com a linguagem –, ao perigo da deformação do pensamento em cada formulação lingüística em destaque: “A invenção da linguagem precede a da filosofia, e é isso que dificulta a filosofia, sobretudo quando se quer fazê-la compreensível a outros que não pensam muito. A filosofia é,

quando ela fala, sempre obrigada a falar a língua da não-filosofia.”⁶

Eu me sinto – são dois objetos. Nossa falsa filosofia está incorporada em toda linguagem; nós não podemos, por assim dizer, raciocinar sem raciocinar errado. Não se considera que o falar, seja lá sobre o que for, é uma filosofia. [...] Toda nossa filosofia é retificação do uso da linguagem, e, portanto, a retificação de uma filosofia e, na verdade, da mais geral.⁷

A sensibilidade diante do engano sistemático do pensamento mediante a linguagem, seu “enfeitiçamento”, como disse Wittgenstein, em manifesta adesão a Lichtenberg, não o torna ainda um precursor dos empiristas lógicos. Ele tampouco levantou a exigência para efetivar o programa leibniziano de criar uma língua artificial, que nos pudesse imunizar contra os perigos da língua natural. O ceticismo foi sua saída do dilema de não poder prescindir da língua e dela ao mesmo tempo desconfiar: limitar-se ao que pode ser respondido, uma filosofia dos pequenos passos. Melhor idéias consistentes fragmentarias que edifícios sistemáticos, esburacados por hipóteses, pelos quais trafega o vento. E a conexão interna no pensamento de Lichtenberg, a que já nos vimos referir, confirma-se também em que a filosofia *política* de Lichtenberg se recobre com a teoria do conhecimento.

A demolição de instituições costumeiras é um grande desperdício, principalmente na política, na economia e na religião. O novo é muito agradável para quem o projeta, mas, geralmente desagrada os afetados. O projetista não pensa que sua tarefa tem algo a ver com pessoas, que querem ser conduzidas sem perceber pela bondade, e que através disso consegue-se muito mais do que com uma transformação,

⁶ Edição Promies, tomo II, p. 200.

⁷ Edição Promies, tomo II, p. 197s.

cujo valor só deve então ser decidido pela experiência. [...] Não se amputa os membros que ainda podem ser curados, mesmo que eles permaneçam meio estropiados; a pessoa poderia morrer durante a operação. E não se pode igualmente demolir um edifício, que esteja um pouco desconfortável, para com isso se meter em maiores desconfortos. O que se faz são *pequenas* melhorias.⁸

Quem conhece a filosofia contemporânea poderia aqui pensar em teses que correspondem completamente às de Karl Popper. Contudo, em vez de fazer de Lichtenberg o precursor de qualquer escola moderna, seria bem mais próximo de seu espírito realizar uma leitura mais profunda de seus aforismos e com ele aprender, não o que, mas como se deve pensar. Então, recordar-se-á das palavras de Nestroy, que também poderiam ter sido de Lichtenberg: "Sobretudo, é da natureza do progresso parecer muito maior do que realmente é."

Referência original:

PATZIG, Günther. Über den Philosophen Lichtenberg. In: Heinz Ludwig Arnold (Hg.): G. C. Lichtenberg. TEXT+KRITIK Heft 114, S. 23-26

Copyright edition text+kritik München 1992

Tradução de Prof. Dr. Bento Itamar Borges do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU <bentoib@ufu.br>

Data de registro 18/08/06

Data de aceite 09/05/07

⁸ Ibidem, p. 423s.